

A *ILÍADA* OU A GLORIFICAÇÃO DE HEITOR

The Iliad or the Glorification of Heitor

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras/Penguin, 2013, 720 p.

Milton Marques Júnior¹⁴¹
marquesjr45@hotmail.com

Já é mais do que tempo de reaprender a ler Homero
(Émile Benveniste)

Aquiles se desentende com Agamêmnon por causa de uma presa de guerra, a bela Briseida, tomada do "Melhor dos Aqueus", epíteto do primeiro, pelo poderoso "Senhor dos Heróis", epíteto do segundo. A consequência imediata desse desentendimento é a saída do maior guerreiro aqueu (esse era um dos nomes por que eram chamados os gregos, na *Ilíada*, antes da existência de um povo grego) da Guerra de Troia, permitindo o avanço do exército troiano, sob o comando de Heitor, que chega a acuar os aqueus em seu próprio acampamento. Como consequência posterior, vemos a morte de Pátrocles, o mais dileto amigo de Aquiles, por Heitor, o que o leva de volta à guerra, com o intuito de vingar o amigo. Morto Heitor, seu corpo é ultrajado por Aquiles, ainda no campo de batalha; em seguida é devolvido à família, diante das súplicas doloridas do pai, Príamo, e são realizados os funerais do grande príncipe troiano, chefe dos exércitos, Heitor, domador de cavalos. Eis uma possível síntese da *Ilíada*, se é possível sintetizar narrativa tão complexa.

Produzidos no período arcaico da Literatura Grega (VIII a. C.), a *Ilíada* e a *Odisseia* são os poemas fundadores de toda a literatura ocidental. A sua autoria foi atribuída a Homero, aedo cuja existência é sempre questionada. Tendo sobrevivido na tradição oral

¹⁴¹ Professor de Literaturas Clássicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Resenha enviada em 25/01/2013 e aceita em 01/10/2013.

por duzentos anos, esses dois poemas conheceram sua primeira forma em texto no século VI a. C., cerca de 560, quando o tirano Pisístratos, acreditando-se descendente de Nestor de Pilos, o mais velho dos heróis presentes à Guerra de Troia, teria ordenado a escritura dos versos.

A tradição oral, se por um lado garantiu a permanência do poema, por outro lado contribuiu para uma grande variante dos versos, tendo em vista que o aedo ou o rapsodo, os poetas-cantores de então, escolhiam os episódios para cantar ao seu público e, muitas vezes, introduziam versos de outros poemas, até que fossem submetidos a princípios de depuração do texto pelos sábios do Museu de Alexandria, no século III a. C. Esses eruditos, dentre eles Zenódoto de Efeso, Aristófanes de Bizâncio e, principalmente, Aristarco, se preocuparam em estudar, corrigir e comentar os poemas, constituindo, assim, os primeiros estudos filológicos de que se tem notícia.

Agora, a Companhia das Letras, na coleção Penguin Classics, acaba de lançar mais uma edição da *Ilíada*, com tradução de Frederico Lourenço, a melhor de todas, pode-se dizer, em língua portuguesa. Trata-se de uma rica edição que conta com introdução e apêndices de Peter Jones; a introdução de E. V. Rieu, para a edição de 1950; um elenco dos personagens principais, incluindo aí os deuses e uma genealogia dos troianos, a partir da fala de Eneias a Aquiles, que se pode encontrar no Canto XX, versos 215-240, além de cinco mapas que ajudam o leitor a se encontrar e a se localizar em relação à narrativa e sua geografia. É livro, portanto, não apenas para quem quer se deleitar com a leitura, mas também deseja estudar o poema.

A importância dessa edição da *Ilíada* pela Companhia das Letras, que já lançara outras obras clássicas, como *Amores* e *Arte de Amar*, de Ovídio, e *Odisseia*, de Homero (esta também com tradução de Frederico Lourenço), ambos os livros em 2011, reside no fato de que não só disponibiliza mais uma edição do poema, mas também por conta da tradução do premiado Frederico Lourenço (prêmio D. Diniz da Casa de Mateus e o grande prêmio de tradução do Pen Clube Português e da Associação Portuguesa de Tradutores, pela *Odisseia*), que não inventa, nem quer ser poeta, vício tão comum em muitos tradutores, que sonham em reinventar Homero ou melhorá-lo... Frederico Lourenço procura aproximar-se tanto quanto possível do original grego, traduzindo em versos livres, o que é mais condizente com a elasticidade do verso hexâmetro, em que os poemas homéricos foram construídos. Não querendo senão dizer o que se encontra

no texto original, Frederico Lourenço nos brinda com um texto fluente, legível ao alcance do leitor contumaz.

Visto consensualmente como o poema da fúria de Aquiles ou uma teomaquia, a *Ilíada* ganha na nossa interpretação mais uma definição: o poema da glória de Heitor. resultado do que ocorre no Canto XXII, momento em que o maior herói troiano é morto e seu corpo é ultrajado por Aquiles. Morto Heitor, tendo o seu corpo resgatado pelo pai, num dos momentos mais tocantes de toda a literatura universal (Canto XXIV, entrevista de Príamo e Aquiles), são feitas as honras fúnebres do herói, encerrando-se, assim, a narrativa, que prognostica novos combates, após os funerais. É essencial, no entanto, que procuremos entender a *Ilíada* como a maior expressão da poesia épica em todos os tempos, enfocando um mundo das origens, em que heróis são comandados por um grande senhor (soberano dos homens, na tradução Frederico Lourenço), investido de um poder divino. Poema de estrutura oral, portanto próprio para ser cantado pelo aedo ou rapsodo, a *Ilíada* faz a exaltação dessa aristocracia da civilização arcaica, que tinha em Micenas o seu apogeu, e em Agamêmnon o seu soberano.

Os limites da *Ilíada*, normalmente difundido como um poema a tratar da Guerra de Troia, estão restritos, na realidade, a um momento específico no início do décimo ano do cerco dos argivos a Troia (outro dos nomes por que são chamados os gregos por Homero). A narração desse momento inicia com a querela entre Aquiles e Agamêmnon (Canto I) e se alonga até os funerais de Heitor (Canto XXIV). De leitura difícil, mas empolgante, a *Ilíada* é um poema para iniciados, como de resto os poemas épicos. É normal que Homero e os aedos de forma geral não precisassem explicar muita coisa que já era do conhecimento das pessoas. Assim é que muitos heróis ou são apresentados pelo seu epíteto ou pela sua genealogia, mesmo antes de se dizer o seu nome. Aquiles é o Pelida ou o Eacida (filho Peleu, neto de Éaco), mas pode ser “o de pés velozes”; Odisseus é o Laertida (filho de Laertes) e o “muito astucioso”; Zeus é o Cronida (filho de Cronos) e o “ajuntador de nuvens” ou “o que se compraz com o relâmpago”; Agamêmnon e Menelau são os Atridas (filhos de Atreu); aquele é o “Senhor dos Heróis” e este o “Pastor da Tropa”; a geração de Príamo são os Priamidas, enquanto Heitor é “o do capacete ondulante” ou “o domador de cavalos”...

A Guerra de Troia, como sabem mesmo os que nunca leram a *Ilíada*, foi motivada pelo rapto de Helena, esposa do rei espartano Menelau, por Páris, o troiano filho do rei Príamo. Homero não se preocupa em apresentar nenhum episódio específico do rapto ou

relativo ao início da guerra ou ao seu fim, concentrando sua narrativa em um período não superior a 60 dias, no décimo ano desde a invasão argiva à planície troiana, cujo momento culminante é o combate singular entre Aquiles e Heitor, no Canto XXII do poema. Combate que, a um só tempo, resulta na glorificação de Heitor, com a sua morte, e na preparação da glória de Aquiles, que não chegamos a ver, pois se a morte do maior herói grego é assunto da Guerra de Troia, não é assunto da *Ilíada*, cuja finalidade é mostrar como a fúria funesta de Aquiles, já anunciada desde o proêmio (versos 1-9), é danosa a gregos e troianos.

Aos iniciantes nos segredos desse belíssimo poema, que vem encantando centenas de gerações, pode soar estranho que estejamos associando a glória à morte, mas dentro dos padrões de excelência e da virtude guerreiras a glória maior a que um herói poderia aspirar era a bela morte, morrer no campo de batalha, de modo que seus feitos fossem cantados pelos aedos para a posteridade, como exemplo de virtude guerreira. Cabe, portanto, a Heitor domador de cavalos essa glória. Aquiles terá de esperar o seu momento.